MARIA ANNUNCIADA CHAVES

Batalha de Riachuelo

Alocução proferida pela Profa. MARIA ANNUNCIADA CHAVES, Presidente do Conselho Estadual de Cultura, a 11-6-77, por ocasião do 112º aniversário da Batalha de Riachuelo, a convite do Almte. Roberto Andersen Cavalcanti, Comandante do IV Distrito Naval.

Separata da
REVISTA DE CULTURA DO PARÁ
ANO 7 — Nºs. 26 e 27 — Janeiro/Junho-1977
BELÉM — PARÁ

SEC-39592
-2373-

Ao brilhante escritor
Mário Ypiranga Monteiro,
meus agradecimentos pela
oferta do 1º volume de sua
monumental "História da Cultura
Amazonense", trazido pelas
mãos gentis de sua filha e
colaboradora Marita.

Maria Annunciada Chaves

Belém, 22-2-80

Registro protocolo 3043 (Folhas 24) 5º caderno (902)

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

AMM 3043

BATALHA DE RIACHUELO

Alocução proferida pela Profa. Maria Annunciada Chaves, Presidente do Conselho Estadual de Cultura, a 11-6-77, por ocasião do 112º aniversário da Batalha de Riachuelo, a convite do Almte. Roberto Andersen Cavalcanti, Comandante do IV Distrito Naval.

Meus Concidadãos
Marinheiros do Brasil

Numa data sugestiva como a de hoje, esqueçamos, por alguns minutos, a maré montante dos acontecimentos visíveis e voltemos os olhos para a História — "mestra da vida".

"E para dizer tudo temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja,
Mas, pois o mandes, tudo se te deve,
Irei contra o que deva e serei breve".
(Camões - "Lusíadas")

O grande processo político-militar que originou a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, no período de 1864 a 1870, teve início, na verdade, com a estruturação das nações ibero-americanas.. Nem sempre fora fácil o convívio entre o Império do Brasil e os governos republicanos de Buenos Aires, Montevidéu e Assunção. Confinado em suas fronteiras desde 1811, o Paraguai estagnara. Sob regime despótico, curvara-se a férrea disciplina, imbuído da crença de que suas dificuldades emanavam dos países vizinhos que lhe impediam o acesso ao mar e lhe embaraçavam o comércio internacional.

Daí, a preocupação de Francisco Solano Lopez de organizar poderosa máquina militar que lhe permitisse influir na política platina e reivindicar pretensos direitos sobre territórios em litígio com a Argentina e o Brasil. Por isso, era o Paraguai, em fins de 1864, o país menos próspero da comunidade platina, porém, estranhamente, o de maior poderio bélico. Não foi difícil que esse

corvetas — "Taquari" (navio chefe) e "Paraguari", seis vapores — "Igureí", "Iporá", "Marquês de Olinda" (ex-brasileiro), "Jejuí", "Salto Oriental", "Pirabebé", e seis baterias flutuantes, denominadas *chatas,* rebocadas pelos navios, auxiliados por um conjunto de vinte e dois canhões, instalado na margem direita do arroio Riachuelo, afluente do Paraná.

A tática dos paraguaios consistiu em atacar violentamente os navios adversários, em bombardeio raso, despedançando-os ou imobilizando-os para tomá-los de abordagem. Conseguiram, assim, encalhar a "Jequitinhonha" e abordar a "Parnaíba", onde lutaram bravamente o Capitão Pedro Afonso Ferreira, o Guarda-Marinha João Guilherme Greenhalg e o Marinheiro Marcílio Dias. Por volta de meio-dia, o combate, que começara cerca de 9 horas da manhã, parecia favorável aos paraguaios. Decide-se, então, Barroso ao contra-golpe, atacando os navios adversários à romana, enquanto fazia içar no mastro grande da "Amazonas" a bandeira enxadrezada, semelhante a que Nelson erguera em Trafalgar — "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever" Lança o chefe da esquadra, com toda a força das máquinas, a fragata capitânea, cuja proa fora armada com um aríete de ferro, contra o barco inimigo mais próximo, que põe a pique, repetindo, por duas vezes, igual manobra, com idêntico resultado, sob o timão do hábil prático Bernardino Gustavino. Com três embarcações inutilizadas, "Jejuí", "Marquês de Olinda" e "Salto", retrocede a frota de Meza, rio acima.

No entanto, a parte mais terrível do combate foi sustentada pela "Parnaíba", corveta à hélice de 7 peças, com 120 cavalos de força, tripulada por 111 homens e comandada por Gracindo de Sá. Além dos soldados navais que o guarneciam, achavam-se no navio duas companhias de infantaria do 9º batalhão, sob as ordens do Capitão Pedro Afonso Ferreira. Ao travar-se a luta, a "Parnaíba" estava postada ao centro da linha de batalha e descarregava, com igual eficácia, para os dois lados. Empenharam-se em combate contra ela o "Salto Oriental", o "Marquês de Olinda" — navio brasileiro aprisionado em Assunção no ano anterior — e o "Taquari", o mais possante dos três. Atacada simultaneamente pelo trio adversário, viu-se a corveta brasileira invadida por tropas

como favorável aos paraguaios, certo é que começou a perceber, então, as dificuldades da situação e o perigo que ameaçava o seu país.

Não se deve perder de vista, entretanto, à luz da verdade histórica, que o combate de 11 de junho — decisivo para o desfecho da luta contra o Paraguai — acarretou graves prejuízos aos brasileiros, tão graves que não puderam aproveitar, de imediato, o êxito alcançado, o que teria encurtado consideravelmente a guerra. Vários navios, seriamente avariados, exigiam urgentes reparos para poderem retornar ao ataque, o que impossibilitou o aproveitamento imediato dos efeitos da batalha, como teria sido, por exemplo, a passagem do Passo de la Pátria, tão próximo do local em que se desenrolara a peleja. Dadas as condições geográficas da região, as operações terrestres e navais deveriam desdobrar-se simultaneamente, apoiando-se, auxiliando-se e completando-se mutuamente. Após Riachuelo, Barroso, com seu extraordinário tino militar, preferiu não retomar a ofensiva enquanto o exército aliado não expulsasse o inimigo da Província de Corrientes. Assim, não só haveria tempo para que se recompusesse a esquadra vencedora, seriamente atingida na sua capacidade combativa pelas perdas humanas e materiais sofridas, como, também, para impedir que fosse bloqueada pelos paraguaios, que, embora derrotados em Riachuelo, conservaram, mais ao sul, excelentes posições à margem do Paraná. Tentar logo em seguida, a tomada desses postos, fortemente apoiados pelas forças terrestres de Lopez, no momento as mais adestradas da América do Sul, exigiria, de fato, o domínio de cerca de 60 léguas navegáveis, para cuja conquista teriam de expor-se as nossas forças navais ao fogo da artilharia de terra. Pior ainda: teriam de correr o risco, demasiadamente perigoso, de ser o abastecimento de víveres, munições e combustível cortado pelos adversários. É preciso não esquecer, também, uma contigência de ordem geográfica: o Paraná estava prestes a iniciar a vasante, que viria dificultar a manobra dos grandes e pesados navios brasileiros. Barroso fez prodígios de habilidade para evitar o encalhe da "Amazonas" em Bela Vista, onde a água escasseava quando aí chegaram os brasileiros, cujos navios não tinham sido construídos para navegar em pouca profundidade. Desde a aplicação do vapor à marinha de guerra,

seu descontentamento".

Paradoxalmente, o Império saia vitorioso em Riachuelo, mas os seus dias estavam contados, ante a marcha indisfarçável do ideal republicano. Riachuelo não foi somente um episódio bélico; foi, também, uma encruzilhada política.

Meus compatrícios

Marinheiros! irmãos de Barroso, Greenhalg e Marcílio Dias

Numa data significativa como a de hoje, quando a Marinha Nacional se reveste de galas especiais para recordar o ponto culminante da sua trajetória histórica, curvemo-nos, respeitosos, ante as glórias do passado, e, a elas integrados, ergamos a cabeça, cheios de fé e esperança no futuro da nacionalidade, exclamando com o poeta popular:

"Em defesa da Pátria estremecida,
fique um braço, uma perna, um tronco morto;
Se não morreres, sobre-te o conforto
de uma vitória em cada cicatriz!
Volte apenas o cérebro que pensa,
enrolado num trapo de Bandeira,
glorificando a terra brasileira,
e revendo-a mais forte e mais feliz".

(Rodrigues Pinagé)

BIBLIOGRAFIA

1 - Pedro Calmon - "História do Brasil" - 5º vol.

2 - Direção de Sérgio Buarque de Holanda - "História Geral da Civilização Brasileira" - Tomo II - "O Brasil Monárquico" - 4º volume

3 - Departamento Editorial das Edições Melhoramentos "Dicionário de História do Brasil"

4 - Ouro Preto - "Marinha de Outrora".

5 - Nelson Werneck Sodré - "Formação histórica do Brasil" - Editora Brasiliense - 2ª edição

6 - Prado Maia - "A Marinha de Guerra do Brasil na Colônia e no Império" - Livraria José Olympio Editora - Coleção Documentos Brasileiros - 1965

7 - Rodrigues Pinage - final da poesia recitada na Associação dos Ex-Combatentes do Brasil - Secção do Pará, em 8-5-1953

Riachuelo foi a primeira batalha entre navios não encouraçados. Apesar de ser o Paraná bastante largo, o canal navegável aperta-se consideravelmente nesse trecho, medindo, apenas, de 300 a 400 metros de largura, com numerosas ilhas e ilhotas. A movimentação das embarcações, a todo momento ameaçadas de encalhe e, por isso mesmo, com suas manobras condicionadas, principalmente, pela espessura da lâmina dágua, tornava-se difícil e arriscada. As investidas da "Amazonas", original recurso de que lançou mão Barroso, tiveram, por isso, papel decisivo, reduzindo a possibilidade de ataque direto aos navios brasileiros, construídos em madeira muito pesados para se movimentarem com a necessária rapidez. Esse peso, inconveniente para as manobras, foi precioso para o ataque desfechado pela capacidade, audácia e poder criativo de Barroso, que transformou as unidades da sua esquadra em verdadeiros *tanques* navais. Se os paraguaios foram habilíssimos na escolha do lugar do encontro, inteiramente desfavorável ao adversário, o chefe luso-brasileiro foi ainda mais hábil ao conceber e executar a manobra audaciosa que o imortalizaria.

"A batalha do Riachuelho" — escreve o Visconde de Ouro Preto — "debaixo do ponto de vista exclusivamente militar, foi um dos maiores feitos navais de que reza a história. Ela assinalou uma época notável nos anais da marinha, inovando audaciosamente a tática até então conhecida. Só em combates parciais se tinha apreciado o proveito a tirar do vapor, jamais experimentado nas grandes lutas de esquadra contra esquadra

E Nelson Wernek Sodré, numa linha de pensamento completamente diversa da de Afonso Celso, enfatiza, a importância da guerra da Tríplice Aliança, cujo fulcro foi, sem dúvida, a batalha que hoje comemoramos: "Quando o século XIX caminha para o fim, tornam-se cada vez mais claros os sinais de mudança na fisionomia econômica, política e social do Brasil. A década de 1870-79 deixa transparecer muitos desses sinais. Pode-se dizer que, com o fim da guerra com o Paraguai, eles começaram a definir-se. Em 1870, não é apenas a guerra que chega a termo, – aparece também o Manifesto Republicano. Seus efeitos imediatos são reduzidos, sem dúvida. Mas é um sintoma evidente de mudança. O regime deixava de atender às necessidades de parcelas importantes da sociedade, parcelas que tinham condições para expressar o

IMPRENSA OFICIAL

2

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura